

# No princípio eram os escravos: a etnografia hebraica e as fontes epigráficas egípcias sobre a origem mediterrânea do antigo Israel

Enviado em  
30/05/2012  
Aprovado em  
15/06/2012

**João Batista Ribeiro Santos<sup>1\*</sup>**

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), mestrando em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
jj.batist@gmail.com

À memória dos 'Abiru, dos 'Ibrîm, dos Sha'su, dos  
Zumbis, dos Quilombos! Um pouco da gente!

---

## Resumo

A pesquisa pretende demonstrar sua relevância científica ao apresentar uma historiografia das estelas nas quais os *'ibrîm* aparecem como grandeza social geograficamente localizada no Mediterrâneo antigo. O objetivo é colocar em diálogo perícopes fundantes do antigo Israel e artefatos arqueológicos. Nossa hipótese é que o povo "Israel" do século XIII a.C. tem em seu processo de formação étnica um parentesco com grandezas étnicas mediterrâneas, sendo, tanto estas quanto aquele, eventualmente escravizados pelo Egito.

## Palavras-chave

Arqueologia; Mediterrâneo antigo; antigo Israel.

## Abstract

The research intends to demonstrate its relevance to present a scientific historiography of stelae where the *'ibrîm* appear as a social magnitude geographically located in the ancient Mediterranean. The goal is to put in dialogue founding narratives of ancient Israel and archaeological artifacts. Our hypothesis is that "Israel", the people of the XIII century B.C., had, in its process of ethnic composition, a kinship with Mediterranean ethnic magnitudes, and both had been eventually enslaved by Egypt.

## Key-words

Archaeology; ancient Mediterranean; ancient Israel.

---

1 \* Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)



etnicidade do antigo povo “Israel” no contexto das grandezas socioétnicas mediterrâneas.

## Memória identitária e suas releituras

Na chegada ao Mediterrâneo antigo, o encontro do povaréu saído do Egito com os moabitas (povo da Transjordânia), especificamente nas “campinas de Moab”, é retroagido (*Números* 22–25; *Deuteronômio* 3,1-17), enquanto o assentamento é realizado tendo o delta do Jordão como referência (*Josué* 1–4). É preferível não ignorar que o lugar geográfico do escritor de *Josué* tenha sido a região do entorno do rio Jordão. Claro está que o livro de *Josué* faz parte da *historiografia deuteronomista*, seja como escrita, seja como revisão, e que trata, na primeira parte (caps. 1–12), sobre da “conquista” e, na segunda parte (caps. 13–22), da divisão da terra de Canaan entre as tribos. Tanto a conquista como a distribuição da terra são relatos etiológicos provenientes dos redatores sacerdotais e prosas de ficção elaborados conjuntamente a partir da época do exílio (século VI a.C.),<sup>5</sup> contendo listas oriundas do final de uma monarquia envolta por muitas tradições (caps. 13–19) – por isso mesmo com uma primeira redação deuteronomista na época do rei Josias de Jerusalém (639-609 a.C.) no contexto do ocaso do império assírio e das ameaças de invasão neobabilônias –, para responder as possíveis perguntas acerca da relação entre Israel (Norte) e Judah (Sul) e de ambos com a terra (dádiva de *Yhwh!*).

14

Seguindo outra compreensão demográfica no âmbito da geografia siro-palestina, apesar de ser a segunda parte do livro de *Josué*, o livro dos *Juízes*, que, segundo Corinne Lanoir (2010), contém redações sucessivas que podem ser localizadas respectivamente em Israel e em Judah, preservou um “registro negativo de propriedade” (Albrecht Alt) e um “pleito em favor do reinado” (H.-W. Jüngling) como contraditos ao livro de *Josué*. O “registro negativo”, registros das terras que os antigos israelitas não conseguiram tomar, está nos capítulos 1 (v. 19.21.27-36) e 2 (v. 1-5), e o “pleito em favor do reinado” foi intencionalmente intercalado após

---

5 Conforme Milton Schwantes (2007: 22): “Claro, isso é uma tese teológica, não é necessariamente real. Pois, no real nem mesmo houve a conquista, como descrita em *Josué*, e nem mesmo se tinha condições reais de efetivar tais massacres. Aí quase só temos desejos, quase nada de realizações”.

os relatos de condições religiosa e política caóticas.

Evidentemente, importa-nos salientar duas “correções” que o livro dos *Juízes* realiza sobre o livro de *Josué*: a primeira é que os antigos israelitas não conquistaram completamente sequer a faixa norte-sul da terra de Canaan especificamente<sup>6</sup>, o que tem implicações em relação à sedentarização, pois os *‘ibrîm* tiveram que assentar-se em sua maioria nas regiões montanhosas; a segunda “correção” trata de uma particular intenção do redator de antecipar a desqualificação dos santuários, algo que foi situado pelos deuteronomistas na época monárquica como um dos critérios de avaliação dos reis<sup>7</sup> e que o livro de *Josué* não pronuncia, iniciado pelo santuário de Dan (caps. 17–21) como uma prestação de contas redacional da sua posição clamorosamente favorável à monarquia não obstante a coleção das histórias dos juízes (“livro dos salvadores”) de orientação antimonárquica, daí o dito fraseológico em favor do reinado intercalado em *Juízes* 17,6; 18,1; 19,1 e 21,25 לַאֲרָרְשֵׁי־בְרַךְ לְמִיָּמֵי אֱמֹהָהּ מִיָּמֵי־בְרַךְ לַאֲרָרְשֵׁי־אֱמֹהָהּ: (“Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe convinha!”<sup>8</sup>). Antes, porém, em ambos os livros que passaram por várias redações (séculos VII-IV a.C.), a negação do direito de habitação aos outros povos acaba por provar a existência deles como povos autóctones.

15

O historiador e arqueólogo Mario Liverani (2008) destacou a improvável coexistência de tantas grandezas socioétnicas: Khatti (hititas), ou seja, povos da Síria-Palestina, os canaanitas (única informação histórica), os perisitas, ou seja, “habitantes de vila” ou camponeses, os refaítas, ou seja, os defuntos ou espíritos dos mortos na concepção religiosa canaanita (ignorando essa concepção, os antigos israelitas pensara-os como antigos habitantes da terra de Canaan), todos anacrônicos ao final da Idade do Bronze Recente, além de topônimos (nos livros *Josué-Juízes*: gebusitas, hiwitas, gírgashitas; nos livros de *Números* e *Deuteronômio*: refaítas e amorritas). por outro lado, grandezas socioétnicas historicamente comprovados, como edomitas, moabitas e amonitas, aramitas e árabes, fenícios, filistitas e demais “povos do mar”, e nômades como amaleqitas e sha’su, continuam existindo,

6 Com relação à costa mediterrânea e à Transjordânia nada mais é necessário dizer a não ser que em nenhum período da história esses territórios foram possessões de Israel.

7 Cf. os livros da Bíblia hebraica *1 e 2 Reis*.

8 Na segunda parte do versículo lê-se, literalmente, “um homem o certo segundo seus olhos fazia!”.

demonstrando, afinal, o caráter ficcional do extermínio dos povos e da conquista da terra.

Se agora não temos prosas de ficção como no livro de *Josué*, não há dúvida de que o livro dos *Juízes* realiza um trabalho etnográfico de retroprojeção ideológica, ou seja, retroprojeta a forma de governo que as *comunidades religiosas do judaísmo* vão adotar como modelo para *Yehud*, época em que não há rei e que, portanto, necessita de homens que julguem e administrem as comunidades.

Assim, toda a história da libertação e a entrada na terra de Canaan são cantadas e reelaboradas (cf. *Salmo 78*; *Êxodo 12,37-42*; *15,20-21*) de acordo com o tempo e as circunstâncias, buscando através da memória conferir inteligibilidade aos novos ouvintes. *Êxodo 15,20-21* 20 הָאֵיבֹנֵהֶם יִרְמֵחַ קָתַוּ 21 וְצִוְּתוּ אֶת־הָאֲנָשִׁים לְחַמְּבוּ מִיֵּם פַּת־בַּיָּם הֵי־רַחֵא מִיֵּשֵׁנ־הַלְכָהָ אֶת־אֲגִיֵּי־כַח־הַיְּהוָה לְוִרְיֵם שֶׁ־יִרְמֵם הַלְכָהָ עִוְּתוּ 21 מִיֵּם יִבְּהַמְּרוּ וְכִרְוּ סוּסֵהָ אֶת־גֶּזְרֵי־הָאֵלֹהִים: (“E então Miriam, a profetisa, irmã de *Aharon*, pegou o tamborim na mão, e todas as mulheres foram atrás dela com tamborins e com danças de roda. E respondeu para elas Miriam: Cantai a *Yhwh*! Pois ele é muito sublime! Cavalos e seus condutores lançou no mar!”) demonstra, assim como o *Salmo 78* – uma elaboração sociorreligiosa da época pós-exílica – e *Êxodo 12,37-42*,<sup>9</sup> a justaposição de tradições em um ambiente que valoriza o simbolismo litúrgico, cuja interpretação teológica foi capaz de dar origem a uma *historiografia*.

Com efeito, as narrações bíblicas não são anteriores ao século IX a.C. O problema da prova da existência do Israel monárquico por meio das evidências etnográficas e epigráficas recebe o auxílio dos *ostraca*. Existem *ostraca* que concordam com textos bíblicos, escritos em prosa, como os *ostraca Mesad Hashavyahu*, encontrados no sul de Yavneh-Yam, sul da costa mediterrânea em 1960, e datados do fim da Idade do Ferro; contêm várias referências aos livros do *Gênesis*, *1 Samuel*, *Josué*, *Deuteronômio*, *Êxodo*, *Amós* etc. (LEMAIRE, 1977; HALLO; YOUNGER, 2002). Os *ostraca* de *Lakish*, identificados até o número 22, sendo que o primeiro foi encontrado em 1935, e foram ambos datados da época após a destruição de Jerusalém e seu templo em 587 a.C.; os *ostraca* de *Arad*,

9 Por justificar uma asserção, os versículos 37-38 de *Gênesis 12* foram traduzidos e citados *supra*.

identificados até o número 88, encontrados entre os anos 1962 e 1967 no Negeb, ao pé das montanhas de Judah, em uma vila do Bronze Antigo próxima a Beersheba; os *ostraca* de *Samaria*, produzidos provavelmente por escribas no palácio real de Samaria durante a primeira metade do século VIII a.C.; o *ostracon* de *Ophel*, descoberto em 1924 na área sul do monte do templo de Jerusalém, datado do século VI a.C., com referência a textos pós-exílicos, como o livro de *Esdras*, *I e 2 Crônicas*, *Neemias* etc.; os *ostraca* de *Samaria*, de expedição conjunta, e de *Tell Qasile*, provavelmente dos últimos anos do século VIII a.C.; o *ostracon* de *Ramat-Rahel*, encontrado em 1959 e de cerca do ano 700 a.C.; os *ostraca* de *Beer-Sheba*, descobertos em uma ocupação destruída no ano de 701 a.C., com várias atestações da Bíblia hebraica; o *ostracon* de *Khirbet El-Meshash*, encontrado no ano de 1974, próximo de Beersheba (LEMAIRE, 1977; HALLO; YOUNGER, 2002). Todos eles são fontes que levam-nos às narrações da Bíblia hebraica, mas, lastimavelmente, nenhum remete a algo que nos aproxime da origem do Israel pré-monárquico.

Há uma inscrição do túnel de Siloé, descoberta em 1880, que menciona o túnel e o reservatório construídos pelo rei Ezequias de Jerusalém, do século VIII a.C.. A inscrição foi datada de cerca do ano 700 a.C. como produto do reino de Ezequias. Há várias inscrições reais hebraicas do século VIII a.C. e inscrições mortuárias hebraicas também da mesma época, alguns com referência ao reinado de Ezequias, e há, também, o significativo *ostracon* de Jerusalém, que menciona o cabeça do panteão canaanita *'El* e narrações da época do exílio babilônio.

Podemos citar a significativa estela de *Mesha*, uma inscrição moabita que é uma das fontes epigráficas mais antigas a citar “Israel” em sua relação com o Deus *Yhwh*. A estela, que mede 1.15 m. de altura e 60-68 cm. de largura, foi descoberta em 1868 e não se sabe precisamente em que idioma foi escrito (moabita? Hebraico? israelita?) e recebeu datação de cerca do ano 835 a.C.. Ela faz referência ao rei israelita Omri, ao jovem deus guerreiro Baal e a *Yhwh*; a Israel e tantas outras regiões (HALLO; YOUNGER, 2000).

Outro significativo testemunho material é o obelisco preto da época do rei da Assíria, Salmanassar III (*Shalman'esar*, bab.: *Shulmanu-asharidu*), o qual reinou entre os anos 858-824 a.C.. Descoberto pelo arqueólogo Henry Layard em 1846 durante as escavações do sítio de Kalhu, a antiga capital da Assíria, e datado de 825 a.C., o obelisco retrata o rei Yehu (841-814 a.C.) de Israel como tributário de Salmanassar III, sendo que o rei israelita aparece em posição de submissão ao rei assírio.

Há uma inscrição de basalto preto, descoberto no ano de 1993 em

Tel Dan, batizada de “Casa de *Dawid*”. Escrita em aramaico, a estela relata uma invasão de Israel por um rei aramita não identificado (Hazael, rei de Damasco?), e ao mencionar a “casa de *Dawid*” (*beyit Dawid*) é mais uma comprovação da existência da dinastia davidida em Jerusalém, eliminando, assim, a noção de que Davi e Salomão tenham sido uma invenção dos autores bíblicos pós-exílicos (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2005; FINKELSTEIN; MAZAR, 2007).

A investigação das fontes originárias da época monárquica do antigo Israel requer seu aprofundamento no reconhecimento e contato com a epigrafia egípcia, é o que faremos.

## Origem histórica e memória cultural

Ao contrário do que ocorre com o Israel monárquico, temos pouco auxílio para a época de formação da etnicidade do antigo Israel. As tabuletas cuneiformes de cerca de 1370-1350 a.C. encontradas na antiga capital egípcia de Akhet-Aton ou Akhetaten (“horizonte de Aton”), a moderna Tell el-‘Amarna, no palácio de Amenófis IV Akhenaton (1353-1336 a.C.), frisam que o Egito mantinha soldados para a pacificação da área. Desde o século XIV a.C. a história do Mediterrâneo antigo esteve interrelacionada com as atividades e incursões egípcias e as reações dos povos do mar como tentativa de libertações àquele ambiente de dominação egípcia, consolidada pelo faraó Tutmósis III (1479-1425 a.C.). As cidades-Estado e as grandezas sociais canaanitas não puderam proteger efetivamente a sua cultura, mormente no período das dinastias egípcias Décima Nona (c. 1295-1186 a.C.) e Vigésima (c. 1186-1069) quando houve um investimento muito grande no controle da terra de Canaan – por meio da construção de fortalezas, monumentos, edifícios, artefatos, e da participação de burocratas egípcios na administração da região –, o que não as impediu totalmente de exercerem significativa influência na Idade do Bronze Recente. O arquivo contém trezentos e oitenta e dois documentos escritos em egípcio-acádio sobre tabuinha de argila e é registro de correspondência diplomática entre Akhenaton e seu pai, Amenófis III. No arquivo constam correspondências que colocam em relação aqueles faraós com os “menores reis”, governantes canaanitas, babilônios, hititas e Alashiya (Chipre), proporcionando uma ampla cobertura da vida no antigo Oriente Próximo (LIVERANI, 1998; LIVERANI, 1999).

Essas cartas trazem à tona um assunto que muito nos interessa: as incursões dos povos do mar na Síria-Palestina. Dentre inúmeros registros, nas cartas de Jerusalém o rei solicita uma guarnição para proteger a sua cidade-Estado de um grupo socioétnico chamado *'abiru*<sup>10</sup>, grandeza privada de base urbana, acusada de atacar a cidade-Estado canaanita no período de domínio egípcio. A identificação *'abiru* = *'ibrî*/*'ibrîm* (*'br* = *'br*), segundo Mario Liverani (1998), implica uma invasão israelita da terra de Canaan no século XIV a.C. Os próprios termos tinham uma conexão etimológica e semântica antes que assumissem valores étnicos. Além disso, é digno de consideração o fato de que o nome “Israel” contém a designação de Deus *'El*, e não *Yhwh* (“Javé”). Nesse sentido, a citação do *Gênesis* 35,10 אַרְרַקְיָא לְבַקְעֵי קַרְמֵל שְׂמִי הַלְאוּ לְרַמָּא יְיָ הַיְהִי לְאַרְרַקְיָא יְיָ כִּבְקַעֵי דּוּמָע קַרְמֵל שְׂמִי לְאַרְרַקְיָא יְיָ מִשְׂתַּא אַרְרַקְיָא יְיָ (“E disse para ele Deus: ‘Teu nome [é] *Ya‘aqov*; não chamará teu nome mais *Ya‘aqov*, mas *Yisra‘el* será teu nome. E chamou o seu nome *Yisra‘el*.”) antecipa a mudança de nome de *Ya‘aqov* para a denominação etnológica *Yisra‘el*, própria do povo *'ibrî* em algumas gerações, segundo a história da tradição, e aproxima este do termo teofórico “Israel”, por meio da memória etiológica exílica das grandezas étnicas mediterrâneas submetidas ao protetorado do Egito no Levante na Idade do Bronze. Ou seja: A existência de Israel é reconhecida pelos historiadores da *Obra historiográfica de Jerusalém* (*Gênesis* 12–*Números*; *Deuteronômio* 12–26) da Bíblia hebraica como anterior à descida ao Egito dos *'ibrîm*, cujo ancestral é Abraham.

Em *Gênesis* 14,13-14 טִיִּם לְפַה אַבְיָו 13 וְכִשׁ אָוָהוּ יִרְבְּעָה מִרְבָּא לְדַגְיָו לְכִשׁ אִיחָא יִרְמָא אִרְמָמ יְנַלְאֵב מִרְבָּאֵתִירָב יִלְעָב מִהוּ רַנְעָיִחָא וִי קָרַם יְיָ וִיחָהּ בִּשְׁנֵי מֵרְבָא עַמְּשֵׁי 14 שְׂמִי לְשׁוֹרָ שְׁעָה נִמְשׁוּ תִיבִי דִילִיּוֹ כִינְחָתָא מִן דִּדְעָף דְרַיָו תּוֹאֵמ

10 O termo *'abiru* designa um apelativo para várias grandezas étnicas mediterrâneas, mas que anteriormente designava uma grandeza social ou política. Dependendo da circunstância política o termo remete aos “foragidos” ou “inimigos”, marginalizados sociais, cortadores de pedra, trabalhadores da agricultura, mercenários, fugitivos. Nos documentos de *Tell el-Amarna* não apenas os foragidos, inimigos, mercenários em guarnições, raptados e escravizados pelo Egito são chamados de *'abiru*, mas também reis e palacianos que se negassem a pagar tributos ao Egito ou não fossem aliados contra aqueles “foras da lei”.



para 'Abram, o 'ibrí, e ele morava nos carvalhos de Mamre', o amorita, irmão de 'Eshkol e irmão de 'Aner,<sup>11</sup> e eles [eram] senhores de pacto com 'Abram. E ouvindo 'Abram que estava cativo seu irmão e fez sair os seus sequazes nascidos de sua casa, trezentos e dezoito, e deu perseguição até Dan.”) há menção a um bando de 318 'abiru/'ibrîm<sup>12</sup> armados para a guerra e aliados de Abram (Abraham).

11 'Eshkol e 'Aner podem ser personificações de lugares. Por ser demasiado improvável que 'Abram com 318 sequazes tenha vencido quatro grandes reis, o contador da história, que na sua origem não é de 'Abram, acrescentou-lhe três aliados autóctones. Enfim, o capítulo 14 do livro do *Gênesis* é reelaboração de várias histórias – e uma tentativa de descrever o patriarca como um guerreiro.

12 Para a relação dos 'abiru com os 'ibrîm citamos a relevante pesquisa de Gian Luigi Prato (2010:56-57): “Nell’ambito della vasta problematica di cui si è occupata la ricerca sui *habiru*, è noto che l’interesse più immediato che l’ha guidata in passato, e che perdura ancor oggi, sebbene con toni diversi, è costituito dalla relazione tra questi gruppi e i 'ibrîm dell’Antico Testamento. Le proposte di un collegamento storico, facilitato a livello etimologico, sono varie e assai differenti tra loro. Se si prescinde però da posizioni estreme, che considerano il problema dei 'ibrîm legato esclusivamente al giudaismo postesilico (per cui la loro relazione con i *habiru* si riduce ad una coincidenza fonetico-lessicale del tutto casuale), può essere utile rilevare almeno una qualche corrispondenza, sempre di ordine sociologico, tra l’ambiente siro-palestinese in cui sono attivi i *habiru* e quello israelitico posteriore in cui compaiono i 'ibrîm. Questi ultimi sono definiti tali, ossia vengono designati con questo nome, da altri gruppi più configurati, come gli egiziani (Gen. 39,14.17; 41,12; Es 1,16; 2,6) e i filistei (1 Sam. 4,6.9; 13,19; 14,11; 29,3; cf. anche 13,3), e per riflesso essi designano se stessi con questo nome di fronte agli egiziani (Gen. 40,15; Es. 1,19; 2,7; 3,18; 5,3; 7,16; 9,1.13; 10,3). Si tratta inoltre di un gruppo che di per sé non coincide con gli israeliti, e che in alcune occasioni può stare persino dalla parte dei filistei (cf. 1 Sam. 14,21-22 e anche 13,7). L’equivalenza che si può stabilire tra i due tipi di gruppi è dunque valida, sempre entro certi limiti, nella misura in cui sono equiparabili le due situazioni sociali che li attestano: i 'ibrîm sono qualificati dagli altri e rispetto alle altre componenti sociali assumono la stessa funzione dei *habiru* delle lettere di Amarna. Va tenuto presente tuttavia che nel caso dei *habiru* le fonti rispecchiano la prospettiva dell’altra parte, quella dominante, mentre ciò non si verifica per i 'ibrîm” [“No âmbito da vasta problemática que se tem ocupada a investigação sobre *habiru*, sabe-se que o interesse mais imediato que levou no passado, e que continua até hoje, embora com diferentes tons, é dada pela relação entre estes grupos e os 'ibrîm do Antigo Testamento [Bíblia hebraica]. As propostas de uma ligação histórica, facilitada no nível etimológico, são diversas e muito diferentes entre si. Se você abandonar posições extremas, que consideram o problema dos 'ibrîm vinculado exclusivamente ao judaísmo pós-exílico (portanto sua relação com os *habiru* se reduz a uma coincidência fonético-lexical totalmente aleatória), pode ser útil detectar pelo menos alguma correspondência, sempre de ordem sociológica, entre o ambiente siro-palestino em que são ativos os *habiru* e aquele israelítico posterior em que aparecem os 'ibrîm. Estes últimos são definidos como aqueles que são designados com este nome, de outros grupos mais configurados, como os egípcios (*Gênesis* 39,14.17; 41,12; *Êxodo* 1,16; 2,6) e os filistitas (1 *Samuel* 4,6.9; 13,19; 14,11; 29,3; cf. também 13,3), e por reflexo que designam-se com este nome na frente dos egípcios (*Gênesis* 40,15; *Êxodo* 1,19; 2,7; 3,18; 5,3; 7,16; 9,1.13; 10,3). Trata-se, além disso, de um grupo que por si só não coincide com os israelitas, e que em algumas ocasiões pode ficar até mesmo do lado dos filistitas (cf. 1 *Samuel* 14,21-22 e também 13,7). A equivalência que se pode estabelecer entre os dois tipos de grupos é, portanto, válida, sempre dentro de certos limites, na medida em que os dois são comparáveis a duas situações sociais que vão atestar: os 'ibrîm são qualificados pelos outros e em relação aos outros componentes sociais têm a mesma função dos *habiru* das cartas de Amarna. Deve ser lembrado, todavia, que no caso dos *habiru* as fontes refletem a perspectiva da outra parte, a dominante, enquanto isso não se verifica para os 'ibrîm”].

Possivelmente, esses grupos estivessem submetidos ou aliados como mercenários às cidades-Estado mediterrâneas, ou fossem autóctones, com suas próprias possessões agrícolas e pastoris. Com relação ao ancestral chamado *Ya‘aqov*, há um sumário escrito de forma historiográfica, do período exílico, em *Deuteronômio* 26,5-9, no âmbito do chamado “Deuteronômio de Ezequias” (*Deuteronômio* 12–26), que o localiza geograficamente no Mediterrâneo antigo entre os ‘*abiru*. *Deuteronômio* 26,5 הַיְהוָה יִוְעִי לְתִרְמָאוֹ וְנִעַוְ הַמִּצְרַיִם יְיֹוֹי בְּדַבְּרֵי מֶלֶךְ אֲרָם לְאֵלֵינוּ שִׁיחֵינוּ טַעַמְתִּם בְּשִׁרְיָנוּ גַלְגָּלֵנוּ וְעַלֵנוּ לְדָגַבְּ: (“E responderás e declararás diante de *Yhwh* teu Deus: ‘*Arammî*’<sup>13</sup> errante<sup>14</sup> [era] meu pai, e desceu [ao] Egito, e foi estrangeiro lá com poucas pessoas; mas tornou-se lá grande nação, forte e numerosa.”) demonstra que os judaítas tinham o seu ancestral – assim como os outros ancestrais, todos da Idade do Bronze – não como chefe de tribo nômade, mas de grandeza socioétnica à semelhança dos ‘*abiru* dos documentos de *Tell el-Amarna*, o que leva-nos a afirmar com George E. Mendenhall (1976, p. 137), em relação aos ‘*abiru*, que “*the late confession in Deuteronomy 26:5 presents the same picture. ‘Arammî’ oved has the same meaning as kalbu ḥalqu in Amarna*”.<sup>15</sup> Pode-se afirmar razoavelmente que Abraham e *Ya‘aqov* são ‘*ibrîm*/‘*abiru* – apelativos para grandezas socioétnicas mediterrâneas compostas por apátridas.

21

Mas o que leva-nos histórica e comprovadamente à origem do antigo Israel no Mediterrâneo antigo é a estela “Hino da vitória de Merenptah, Cairo e Karnak” (c. 1207 a.C.), que registra a vitória do faraó Merenptah (1213-1203 a.C.) no Levante, pois ao final hínico, consta uma citação acerca da sua vitória sobre os homens de Israel. Descoberta no templo funerário do faraó Merenptah, no oeste de Thebas, a estela está conservada no Museu do Cairo (CGC 34025). Ela já havia sido utilizada pelo faraó Amenófis III (1402-1364 a.C.), que fixou uma lista de atividades arquiteturais; Merenptah a utilizou no verso para compor a sua poética da vitória. Israel está incluído entre os estrangeiros inimigos do Egito segundo

13 Os aramitas eram semitas ocidentais que chegaram ao Crescente Fértil por volta de 1500 a.C. (início da Idade do Bronze Recente). O problema de um possível anacronismo do texto bíblico não deve ser superestimado.

14 Reconhecemos que a melhor tradução para אַבְדָּה seria “fugitivo” ou “foragido”.

15 “A confissão tardia em Deuteronômio 26:5 apresenta a mesma imagem. ‘*Arammî*’ oved tem o mesmo significado que *kalbu ḥalqu* em Amarna” (MENDENHALL, 1976:137).

a ideologia real egípcia, mencionada ao final do texto, entre Estados canaanitas participantes da guerra libanesa do faraó; mas não só, pois aparece também uma série de cenas de guerra de Karnak.

Há um grande debate gerado em torno da autoria da estela: há quem afirma peremptoriamente que é de autoria de Ramsés II.

Trois éléments majeurs confirmeraient cependant l'attribution de ces reliefs à Ramsès II et non à Merenptah: la présence du prince Khaemouaset, quatrième fils de Ramsès II, dans la scène située au nord du traité (registre inférieur), le traité de l'an 21 entre Ramsès II et les Hittites, ainsi que le bandeau de texte situé au-dessus des scènes, sous la corniche du mur, au nom de Ramsès II (LURSON, 2003:55).<sup>16</sup>

Mas existe um número bem maior de historiadores, arqueólogos e biblistas que concluem que a estela é de Merenptah (RAINEY, 2001; LURSON, 2003; KITCHEN, 2003). A atribuição da estela ao faraó Merenptah é de grande importância como documento histórico incontestável, pois coloca-nos diante da primeira representação do povo “Israel”, ainda que em contexto literário ideológico. Segundo a estela, vivia na terra de Canaan uma grandeza social denominada “Israel”. Desse Israel imiscuido com cidades-Estado mediterrâneas não se tem outra memória material, podendo ser uma grandeza seminômade mencionada entre *Gezer* e *Yano'am*, que são entidades sociopolíticas (cidades-Estado) na mesma região geográfica, ou seja, em Kharu (ou *Khurru*). É notável o fato de que o determinativo específico aplicado para Israel indica uma população dispersa, sem endereço geográfico (a sedentarização de Israel nessa época deve ser é improvável!) como uma cidade, por exemplo, mas com estrutura suficiente para incomodar o império.

This structure suggests that Merenptah's Israel is not a territory that corresponds to Canaan. Israel, it follows, is also not a geographical region that would stand next to Hurru. Instead, Israel is designated as

16 “Três elementos principais confirmam a atribuição desses relevos a Ramsés II e não a Merenptah: a presença do príncipe Khaemouaset, quarto filho de Ramsés II, na cena situada ao norte do tratado (registro inferior), o tratado do ano 21 entre Ramsés II e os hittitas, assim como a faixa de texto localizada acima das cenas, sob a cornija do muro, em nome de Ramsés II” (LURSON, 2003:55).

a socioethnic entity within the region Canaan/Hurru in the same way that the three city-states are sociopolitical entities in the determinative for people, was a socioethnic entity powerful enough to be mentioned along with major city-states that felt the effects of Merenptah's campaign (HASEL, 2004:80-81).<sup>17</sup>

Para alguns pesquisadores, é possível que no lugar onde se encontra Israel hoje pudesse estar a grandeza social mediterrânea *sha'su*. “Decisivo para a interpretação é o fato de que as três cidades [*Ashqelôn, Gezer e Yano'am*] têm cada uma o determinativo hieroglífico para país estrangeiro, enquanto ‘Israel’ tem determinativo pessoal e é, portanto, considerado como grupo de pessoas” (KESSLER, 2009). Em termos geográficos, segundo Ann E. Killebrew (2005), a grandeza social citada deveria ter como lugar de assentamento as terras altas da Cisjordânia ou a Transjordânia.

O que se diz de Merenptah e de Israel, na referência extrabíblica mais antiga do nome “Israel”:

Os príncipes estão prostrados e dizem: *Shalom!* Nenhum mais levanta sua cabeça entre os Nove Arcos. A Líbia está arrasada, Hatti está em paz, Canaã com (?) todas as coisas más está conquistada, Ascalom foi deportada e Gezer foi capturada; Jenam foi aniquilada. Israel jaz descultivada e não tem sementes, *Hr* (= Síria e Palestina) se tornou viúva para o Egito. Todos os países estão em paz. Todo que perambulava foi aprisionado pelo rei do Alto e Baixo Egito *B'-n-R'*, amado por Amom, filho de Re Merenptah, que, como Re, foi presenteado com vida eternamente (DONNER, 1997:106).

23

“Israel jaz descultivada e não tem sementes”. Chamamos a atenção para o fato de que não se trata de uma destruição de produtos agrícolas, muito menos de confisco de grãos; a citação está no contexto de uma completa aniquilação do povo (RAINEY, 2001). Assim sendo, a fraseologia em que Israel é citado utiliza o termo “semente” como metáfora para “descendência” e vice-versa; uma metáfora

---

17 “Esta estrutura sugere que o Israel de Merenptah não é um território que corresponde a Canaan. Israel, segue-se, também não é uma região geográfica que está ao lado de Hurru. Em vez disso, Israel é designado como uma entidade socioétnica na região Canaan/Hurru da mesma forma que as três cidades-estados são entidades sociopolíticas no determinativo para pessoas, era uma entidade socioétnica poderosa o suficiente para ser mencionada ao lado de grandes cidades-estados que sentiram os efeitos da campanha de Merenptah” (HASEL, 2004:80-81).

da destruição. Reconhecidamente, o âmbito é o da linguagem do Mediterrâneo antigo.

## Conclusão

A pesquisa da história do antigo Israel tem privilegiado como fonte a história da tradição organizada e promulgada como *cânon* no período formativo das *comunidades religiosas do judaísmo*. Esse procedimento interpretativo, a nosso ver, revela equívocos metodológicos, além de certa postura anacrônica e de assentimento às retroprojeções justificada pela complexidade da *textualidade* e pelo pragmatismo editorial próprios da fonte adotada. Propusemo-nos estudar a origem de Israel a partir das fontes arqueológicas, analisando os artefatos epigráficos caracterizados pelo registro das atividades políticas do Egito no antigo Oriente-Próximo, mas acrescentamos ao escopo histórico a etnografia hebraica, capaz de colaborar para o debate da origem do antigo Israel. Entendemos que essa origem deve ser buscada no Mediterrâneo antigo, no meio ambiente dos “povos do mar”, e sua investigação ultrapassa o âmbito da Bíblia hebraica. Assim, pressupomos a presença de grandezas socioétnicas mediterrâneas entre os *‘ibrîm*, precisamente nos altiplanos centrais siro-palestinos, com fundamentação na estela do faraó Merenptah e nos documentos de *Tell el-‘Amarna*. Desse modo, o antigo Israel fornece-nos excelente campo para as operações processuais da história sociocultural do Mediterrâneo no segundo milênio a.C.

24

## Referências Bibliográficas

### Fontes

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson (eds.). *The Context of Scripture*. Vol. 2. Monumental Inscriptions from the Biblical World. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2000.

HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson (eds.). *The Context of Scripture*. Vol. 3. Archival Documents from the Biblical World. Leiden; New York; Köln:

E.J. Brill, 2002.

KILLEBREW, Ann E. *Biblical peoples and ethnicity: an archaeological study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and early Israel 1300-1100 BCE*. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature Archaeology and Biblical Studies, 2005.

KITCHEN, Kenneth Anderson. *Ramesside Inscriptions*. Vol. IV. Historical and biographical: Merenptah and the Late Nineteenth Dynasty. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.

LEMAIRE, André (introduction, traduction et commentaire). *Inscriptions hébraïques*. Tome 1. Les ostraca. Littératures Anciennes du Proche-Orient. Paris: Éditions du Cerf, 1977.

LIVERANI, Mario (cura). *Le lettere di el-Amarna*. Vol. 1. Le lettere dei “Piccoli Re”. Testi del Vicino Oriente Antico. Brescia: Paideia Editrice, 1998.

LIVERANI, Mario (cura). *Le lettere di el-Amarna*. Vol. 2. Le lettere dei “Grandi Re”. Testi del Vicino Oriente Antico. Brescia: Paideia Editrice, 1999.

## **Bibliografia moderna**

25

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. 1. Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1997.

FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai. *The quest for the historical Israel: debating archaeology and the history of early Israel*. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2007.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. 3. ed. São Paulo: A Girafa, 2005 (*The Bible unearthed: archaeology's new vision of ancient Israel and the origin of its Sacred Texts*. New York: Free Press, 2001).

HASEL, Michael G. “The structure of the Final Hymnic-Poetic Unit on the Merenptah Stela”. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin; New York, n. 116, p. 75-81, 2004.

KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. Tradução: Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 2009.

LANOIR, Corinne. Juízes. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 322-337.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.

LURSON, Benoît. “Israël sous Merenptah ou le sort de l’ennemi dans l’Égypte ancienne”. *Théolarge*, Angers/France, n. 3, p. 45-62, 2003.

MENDENHALL, George E. *The Tenth Generation: the origins of the biblical tradition*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1976.

PRATO, Gian Luigi. *Identità e memoria nell’Israele antico: storiografia e confronto culturale negli scritti biblici e giudaici*. Biblioteca di Storia e Storiografia dei Tempi Biblici. Brescia: Paideia Editrici, 2010.

RAINEY, Anson F. “Israel in Merenptah’s Inscription and Reliefs”. *Israel Exploration Journal*, Jerusalem, vol. 51, n. 1, p. 57-75, 2001.

SCHWANTES, Milton. “Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes”. *Caminhando* (UMESP), São Bernardo do Campo, vol. 12, n. 19, p. 15-27, 2007.